

27/1/98
227

MEIO AMBIENTE: Monitoramento por satélite mostra que mais de 60 mil quilômetros quadrados de floresta foram derrubados

Em 3 anos, Brasil devastou área maior que a Suíça

Ministro Krause: 'Os dados são desconfortáveis. O que temos a comemorar é nossa capacidade de fazer o monitoramento'

Daniel Hessel Teich

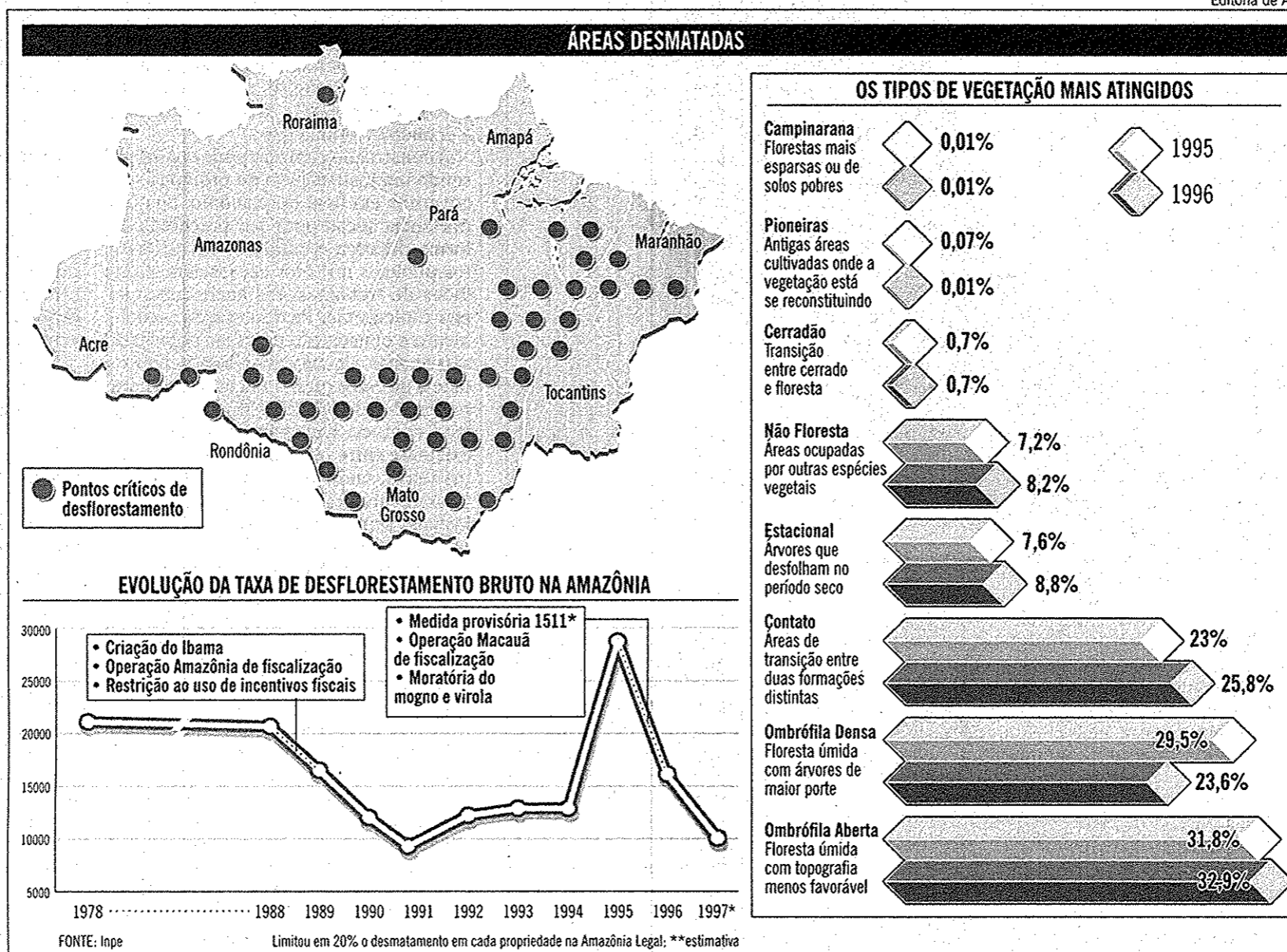
• SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP). Saudado pelo Governo como uma conquista brasileira da tecnologia de monitoramento por satélite, o Programa de Avaliação de Desflorestamento (Prodes) montado pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) acabou trazendo à tona resultados constrangedores. Nos últimos três anos, 60.257 quilômetros quadrados da Floresta Amazônica — área equivalente a quase uma vez e meia o território da Suíça — foram derrubados, sendo que o pico da devastação ocorreu em 1995, com 29.059 quilômetros quadrados de desflorestamento, índice superior à média de devastação no período 1978-1988, época dos grandes projetos de colonização do Governo federal.

Ministro tentou apresentar dados de forma otimista

Mesmo com uma considerável redução ocorrida em 1996 — 18.161 quilômetros quadrados — e a previsão de números menores ainda em 1997 — 13.037 quilômetros quadrados — os números apenas mantêm o ritmo apresentado no início da década de 90. A explosão no desflorestamento seguida de uma brusca queda levou o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, a anunciar os dados em tom otimista, chegando a conchamar os analistas internacionais "a não ficarem borboleteando" sobre a questão, já que o quadro seria de decréscimo. Pouco depois, porém, em entrevista, o ministro acabou admitindo:

— Os dados são desconfortáveis. O que temos a comemorar é nossa capacidade de fazer o monitoramento. Mas a queda não é justificativa para o Governo ficar parado, erro que foi cometido no passado — afirmou o ministro.

Os dados provocaram duras



Editoria de Arte

uma grande inovação: a medição de desflorestamentos pelo tamanho da área e pelo tipo de vegetação. O diretor do Inpe qualificou de surpreendente o aumento de desmatamentos nas áreas de florestas mais fechadas, conhecidas como ombrófilas, em seus subtipos aberto e denso.

Concentração de desmatamento foi em áreas pequenas

Outro dado novo foi a concentração de desmatamentos em áreas pequenas. Em 95, 48% dos desflorestamentos ocorreram em áreas com até 50 hectares, enquanto em 96, 41% do total aconteceram nessas áreas. Isso não significa, de acordo com o presidente do Ibama, Eduardo de Souza Martins, que os pequenos proprietários e colonos sejam os responsáveis pelo desflorestamento. Basicamente, segundo ele, indica uma reformulação do perfil de desmatamento, antes vinculado aos grandes projetos agropecuários, com incentivos fiscais governamentais, e hoje mais ligados à exploração de áreas menores, provavelmente levada a cabo por madeireiras. Além de explorar as próprias áreas cada vez maiores, as madeireiras passam também a atuar como capitalizadoras de pequenos proprietários que não podem custear as altas despesas de desmatamento (entre R\$ 200 e R\$ 300 por hectare) e acabam entregando a tarefa a empresas que ficam com a madeira abatida. Em cada hectare desmatado estima-se a retirada de 40 metros cúbicos de madeira.

— Não há uma causa única mas uma multiplicidade de fatores que acabam levando a essa realidade — afirmou Martins.

De acordo com ele, no mesmo período em que houve a explosão do desmatamento florestal, 90% da madeira de lei consumida no Sul do País vinha da Amazônia.

críticas dos ambientalistas presentes à reunião na sede do Inpe em São José dos Campos. O diretor-executivo do Instituto Socioambiental e conselheiro da Fundação SOS Mata Atlântica, João Paulo Capobianco, qualificou como gravíssimo o desflorestamento de 1995 e afirmou que na avaliação dos dados de 1996 devem ser levados e conta o índice

de chuvas na região, maior do que nos anos anteriores. Segundo ele, o Governo foi exageradamente otimista ao exibir uma redução, que precisaria ter uma melhor explicação. O diretor do Greenpeace Paulo Adário atacou o atraso de dois meses na divulgação dos resultados e afirmou que a divulgação dos números de 95 e 96 foi propositadamente atrasada

para que o Governo tivesse um resultado mais positivo com a média atribuída ao ano de 1997. Segundo ele, essa média avalia apenas 47 imagens e deixa de lado o restante, um conjunto de 229. As críticas foram consideradas infundadas pelo diretor do Inpe, Márcio Barbosa, que considera a média de 1997 irrefutável, já que abrange uma área em que

ocorre 75% do desflorestamento na Amazônia. Mais branda, a senadora Marina Silva (PT-AC) afirmou que os números de 1995 e 1996 são muito altos e que Governo tende a encarar a questão de maneira muito simplista, sem uma análise mais profunda da causa dos problemas.

Polêmicas à parte, o levantamento por satélite apresentou